



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – POLÍTICAS PÚBLICAS

ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES MEMBROS DO PROJETO
ADAs – MULHERES NA LUTA DO INSTITUTO DE INFORMÁTICA – UFG

Aluna: IRIANE RIBEIRO DOS SANTOS

Goiânia
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – POLÍTICAS PÚBLICAS

ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES MEMBROS DO PROJETO
ADAs – MULHERES NA LUTA DO INSTITUTO DE INFORMÁTICA – UFG

Aluna: IRIANE RIBEIRO DOS SANTOS

Monografia apresentada como pré-requisito para a aprovação na disciplina Trabalho Final de Curso 2, da Faculdade de Ciências Sociais. Sob a orientação do professor Jordão Horta Nunes.

Goiânia
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter conseguido chegar até aqui e concluir uma nova etapa na minha vida pessoal e profissional. Com bastante carinho agradeço a professora Tatiele Pereira de Souza e o professor Jordão Horta Nunes por terem aceitado o desafio de serem meus orientadores, gratidão pela paciência que tiveram e ainda tem comigo para me ensinarem e principalmente por respeitarem meu tempo e estarem presentes nos momentos em que eu acreditei que não veria mais a luz do sol ou eu não daria conta de continuar a caminhada. Vocês dois me deram forças e ânimo para seguir em frente mesmo diante das minhas dificuldades e neste momento que o nosso país passa por um período político que me faz sentir insegura enquanto ao nosso futuro.

Também sou grata a Cymara Miranda pela irmã maravilhosa que ela é, Deus me olhou com muito amor quando me deu você de presente, nada disso teria sido possível sem sua ajuda, apoio e amizade. Eu te quero muito bem, muito obrigada por me ajudar a realizar os meus sonhos, por acreditar em mim mesma sabendo que pode dar errado ou não, obrigada por acreditar que sou capaz de vencer todos os desafios impostos pela nossa sociedade. Você e eu somos mulheres muito fortes!

Gratidão aos meus amigos: Ulisses Panta, Pedro Henrique Abreu, Felipe Matheus Rezende Costa Faria, Sérgio Pires, Dercideo Soares Ferreira, Marilza Vendramini, meu psiquiatra Thiago Brandão, minha terapeuta Mayara Custódio, Noeme Silva, Jully Anne, Flávio Sofiat e todo o corpo docente da nossa faculdade de Ciências Sociais e toda a UFG por terem me acolhido, acompanhado meu desenvolvimento e por todo apoio e carinho que recebi de cada um vocês.

E a todas as mulheres que tiveram a coragem de se aventurar na área da tecnologia!
Eu continuarei a me aventurar na Sociologia.

DEDICATÓRIA

Dedico toda a minha faculdade e carreira profissional a minha mãe (in memoriam), Terezinha Ribeiro de Oliveira. Mulher de pulso firme que sofreu longos anos pra criar eu e meus dois irmãos, mãe solo desde os meus 4 anos de idade, estudou até a 4º série do ensino básico e lutou diariamente para cuidar e educar os filhos, conciliando a sua jornada de trabalho subalterno com os cuidados domésticos e dos filhos, sem nunca ter recebido pensão alimentícia para sustentar os filhos e nunca recebeu auxílio financeiro da minha família paterna e nem da minha família materna mesmo todos sabendo de sua condição e tendo três filhos pra criar, exceto de meu tio, seu irmão Carlos Ribeiro de Oliveira com quem ela pode contar durante anos para fazer exames e comprar seus medicamentos que eram muito caros. Como dizia minha falecida avó materna, Lucília Ribeiro: “- quem tem seus Mateus que se balance” e foi assim até a sua morte.

Minha amada falecida mãe que largou um conforto e estabilidade financeira pra se casar e ter filhos. Dedicarei cada segundo da minha carreira profissional e da minha vida para honrar o seu nome e fazer com que tenha valido a pena todo o sofrimento que você enfrentou pra nos criar. Um lar que carregava muita exclusão social, especialmente de seus familiares, mas nunca faltou amor e resistência . Carrego no sangue a força desta mulher que jamais abandonou os filhos nem nos deu pros meus tios cuidarem . Esteve comigo até o último dia de sua vida. Tive mãe biológica por 9 anos e foram o suficiente pra eu saber o que é amor de mãe.

**“Você nunca sabe que resultados virão da sua ação.
Mas se você não fizer nada, não existirão resultados.”
Mahatma Gandhi**

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| LISTA DE QUADROS | 1 |
| LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS | 2 |
| 1. A INVISIBILIDADE DA EXISTÊNCIA DE MULHERES NOS TRABALHOS RELACIONADOS ÀS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO | 3 |
| 2. A DIFICULDADE DE SE CONSTRUIR POLÍTICAS PÚBLICAS PRA DIMINUIR A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO EM T.I | 6 |
| 2.1. Projeto ADAs – Mulheres na luta | 13 |
| 3. TRAJETÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES MEMBROS DO PROJETO ADA | 14 |
| 3.1. Dados proporção de discentes por sexo cursando computação/informática no INF- UFG/2018 | 20 |
| 3.2 Vivência de situações discriminatória no ambiente acadêmico INF-UFG /2018 – Talita Rodrigues – 2018 | 21 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 22 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 24 |

LISTA DE QUADROS

1. Vivência de situações discriminatórias no ambiente acadêmico por mulheres. INF – UFG. 2018. Fonte: FERREIRA, 2018, p. 59.

2. Vivência de situações discriminatórias no ambiente acadêmico por homens e não binários. INF – UFG. 2018. Fonte: FERREIRA, 2018, p. 59.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIES: Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior

INF: Instituto de Informática

IEG: Instituto de Educação de Goiás

MNT: Mulheres na Tecnologia

PEC: Proposta de Emenda à Constituição

PUC: Pontifícia Universidade Católica de Goiás

SBC: Sociedade Brasileira de Computação

T.I: Tecnologia de Informação

UEG: Universidade Estadual de Goiás

UFG: Universidade Federal de Goiás

UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP: Universidade de São Paulo

CAPÍTULO 1

A INVISIBILIDADE DA EXISTÊNCIA DE MULHERES NOS TRABALHOS RELACIONADOS ÀS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO

Os estudos no campo do trabalho têm destacado a importância de analisar as relações de trabalho contemplando as relações de gênero e outros marcadores sociais da diferença, isto é, demonstrando que no mercado de trabalho há diferenças e desigualdades conforme o sexo, raça, cor, etnia, local de residência, classe e nível de escolaridade.

Além disso, estudos têm demonstrado que, desde a década de 1970, há um crescimento da participação das mulheres no trabalho, mas essa participação não ocorre em todas as áreas. O lugar que as mulheres mais têm ocupado no mercado de trabalho é na prestação de serviços em empresas terceirizadas, ocupando funções como: auxiliar de serviços gerais, serviços domésticos, cuidadora de crianças e idosos, recepcionistas, enfermeiras etc. (SCHWARTZ et al 2006, p. 257)

Ainda que os estudos (SCHWARTZ et al 2006, p. 257) tenham mostrado o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho e em várias ocupações, algumas áreas ainda têm alta presença masculina como a área de ciência e tecnologia. Ao olhar a história da informática e das tecnologias da informação é preciso destacar que ela está relacionada à história da ciência, existe uma ligação entre elas, até mesmo porque a informática é uma área da ciência a qual obteve progresso com o passar dos anos e as mulheres desempenharam um papel importante para que esse progresso ocorresse, mas não estão presentes quando se analisa a história desta área.

Existe uma invisibilidade da existência de mulheres nos trabalhos relacionados às tecnologias da informação e no campo científico. No século XX as mulheres eram vistas como incapazes de produzirem conhecimento intelectual na informática e criarem programas, assim como adquirirem habilidades de terem um raciocínio lógico matemático. E quando apresentavam este raciocínio ele era “visto como construindo uma ameaça a masculinidade racionante” (WALKERDINE, 2013 apud SCHWARTZ et al 2006, p. 258). A invisibilidade das mulheres na história da ciência e da tecnologia relaciona-se a uma concepção marcada pela questão de gênero na ciência, em que o conhecimento científico relaciona-se à impessoalidade, à objetividade, à razão, isto é, a “qualidades” que estão associadas ao masculino...servindo para diferenciar a boa ciência de má ciência (CITELI, 2000 apud SCHWARTZ et al 2006).

Embora, atualmente, estudos estejam mostrando o crescimento da participação das mulheres nas universidades, superando a quantidade de homens, ainda sim há uma baixa participação das mulheres na ciência, e a explicação para este fenômeno é a herança deixada pelos séculos do

discurso de que a inteligência da mulher é fragmentada e limitada, do mesmo modo elas não possuem raciocínio lógico, (LINO, 2016) e que a quantidade de mulheres em número, antigamente eram metade do número de homens, ou seja, tinha mais homens na sociedade do que mulheres e por isso devem se submeter aos homens. O discurso que sustenta a masculinização da ciência. Dessa forma podemos compreender melhor não só a baixa participação das mulheres na ciência, mas o motivo de ainda existir uma desvalorização das contribuições das mulheres em diferentes campos da ciência na produção de conhecimento, assim como nas escolas, nos espaços sociais e no mercado de trabalho tanto em relação aos cargos ocupados quanto nos salários.

Ao longo da história quando lemos livros e artigos publicados as mulheres não são citadas sendo que elas sempre estiveram presentes no campo científico e tecnológico. A justificativa dada para essa invisibilidade das mulheres na ciência é que “incluir as mulheres nesta classe dominante pode ameaçar a hegemonia dos que estão no poder (BERMAN, 1997:242 apud SCHWARTZ et al 2006, p. 258). Além disso, as imagens e estereótipos em torno do que é ciência e de quem pode realizá-la também tem contribuído para esse quadro.

Estudos no campo da tecnologia tem mostrado que o campo da tecnologia da informação tem sido ocupado por uma maioria de homens e, mesmo com o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho, esta área não tem recebido mais mulheres. Teses como a de Tatiele Souza (2016) comprovam que a baixa participação das mulheres na área tecnológica permanece e, além disso, há uma redução da participação das mulheres que se em 2000 era 23,4% em 2010 caiu para 21%. Outras pesquisas, como a desenvolvida por Marcel Maia tratam da redução da participação de mulheres nos cursos da área de computação: “de 2000 a 2013, apenas 17% dos concluintes eram do sexo feminino. (...) verifica-se que, enquanto número de concluintes homens cresceu 98% entre 2000 e 2013” (MAIA, 2016, p. 232).

O quadro apresentado revela que as mulheres têm maiores dificuldades de acesso ao campo tecnológico informacional, tanto nos cursos quanto no mercado de trabalho. Mesmo com um quadro tão problemático, evidenciam-se iniciativas de mulheres no campo da ciência e tecnologia que buscam reverter esse quadro de desigualdades. Uma dessas iniciativas refere-se ao coletivo “Mulheres na Tecnologia/MNT”, o grupo foi criado em 2009 por algumas mulheres que são da área da tecnologia, na cidade de Goiânia, como meio de resistência para permanecerem na área, ajudar outras mulheres a serem inseridas no mercado de trabalho e superar as barreiras e desafios que enfrentam ao longo dos anos, tendo como seus valores principais: a equidade, união e liberdade de conhecimento. Também há o grupo denominado “PROJETO ADAs – MULHERES NA LUTA”. O projeto surgiu no Instituto de Informática da Universidade Federal de Goiás (INF/UFG) em 2017 por algumas docentes que fazem parte do corpo docente do INF-UFG da regional Goiânia, com a

proposta inicial de encorajar as alunas do ensino médio a entrarem no curso e também como meio de resistência para ajudarem outras mulheres a superarem as barreiras e desafios que enfrentam ao longo dos anos. Diante disso a pergunta que me despertou interesse e curiosidade é: como se constituíram as trajetórias de vida e ocupacionais das mulheres que criaram este projeto de promoção da equidade de gênero no campo da tecnologia da informação? É a partir desse questionamento que se construiu a ideia de realizar esta monografia, um trabalho científico que se originou de uma pesquisa e da formação universitária no curso de ciências sociais sobre o grupo denominado “PROJETO ADAs – MULHERES NA LUTA”.

O principal objetivo desta pesquisa foi compreender, sociologicamente, as trajetórias das mulheres inseridas no campo da tecnologia da informação que participam de coletivos que buscam promover a equidade de gênero na área. Com isso conheci a história da criação do Projeto ADAs em uma entrevista realizada com a coordenadora do projeto Computação Humana, professora Elisângela. Também foi possível compreender as trajetórias de vida das mulheres que criaram o Projeto ADAs e o que as motivaram a criá-lo, embora o projeto ainda seja muito novo, tem apenas 2 anos, mas já pode dizer que alcançou a sua proposta inicial causando impactos positivos além do esperado pelas docentes.

A hipótese para explicar a força dessa união feminina é que os coletivos e iniciativas associativistas de mulheres podem diminuir essa desigualdade e o assédio moral que elas tanto sofrem na sua área.

CAPÍTULO 2

A DIFICULDADE DE SE CONSTRUIR POLÍTICAS PÚBLICAS PRA DIMINUIR A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO EM T.I.

É fundamental entender o quanto a desigualdade de gênero tem permanecido no decorrer da história da humanidade não sendo casos isolados de apenas alguns países. Sempre nos deparamos com discussões a respeito de saber onde é o lugar da mulher na divisão sexual do trabalho e na ciência, o mesmo não ocorre quando se trata dos homens.

A autora Michéle Ferrand (1994) vai citar como exemplo dessas desigualdades de gênero dentro da educação o modelo educacional adotado na França por volta dos anos 1960, no qual o desempenho dos alunos na disciplina de matemática era extremamente importante e decisivo como um critério de seleção nas dimensões social e sexual, pois a educação era separada, a partir do momento que a França passou a adotar o ensino igual para meninos e meninas colocando-os para estudarem juntos foi identificado que o desempenho passou a ser igual para ambos os sexos.

De acordo com a autora Michéle Ferrand (1994) existe um antagonismo ; ao mesmo tempo em que se percebe o desempenho igual entre os gêneros na educação, nota-se que as meninas conseguem se sobressair aos meninos de forma que conseguem concluir a educação básica e superior com melhores resultados e menos reprovações, porém quando se trata de cursos na área das exatas a quantidade de meninas é extremamente inferior em relação a quantidade de meninos.

Mesmo diante deste novo modelo de educação na França a visibilidade dada as mulheres nos estudos científicos e na área de exatas ainda não existe. Assim, podemos entender melhor a importância dos movimentos feministas que lutam pela igualdade de gênero e os estudos realizados para melhor compreender como a desigualdade é instalada e discutir políticas públicas para combater a desigualdade de gênero.

Scott (1990) e Piscitelli (2009) são algumas autoras que discutem o conceito de gênero em busca de ter um melhor conhecimento sobre como a sociedade se organiza e como é o funcionamento das relações sociais entre os sexos. Uma das contribuições das discussões sobre gênero é ver como a atribuição de espaços sociais são diferenciados para homens e mulheres, a partir de relações de poder que implicam em uma discriminação feminina presente em diferentes momentos históricos e diversos lugares do mundo.

A discriminação é justificada de diferentes formas, porém a mais comum está relacionada às particularidades visíveis nos traços e temperamento diferentes entre homens e mulheres,

consideradas como algo natural, ou seja, com o qual se nasce, e devido a essas diferenças que homens e mulheres não poderiam ter igualdade uma vez que são desiguais biologicamente. O conceito de gênero realiza a crítica a esta justificativa, demonstrando que as qualidades atribuídas aos homens e as mulheres não são biológicas, mas culturais e sociais.

Além de um discurso vinculado ao fato de que as mulheres têm como característica e utilidade à reprodução, de forma que a maternidade está ligada a fragilidade e sensibilidade da mulher, e diante disso as atividades domésticas e familiares passam a serem vistas como um dos principais locais de atuação das mulheres, assim como os empregos relacionados ao cuidado e à prestação de serviços no mercado de trabalho.

As feministas conceituaram o termo gênero com o objetivo de mostrar como as pessoas fazem um uso inadequado de maneira a gerar uma dupla naturalização fundamentada nas diferenças que são atribuídas aos homens e mulheres, cuja origem estaria marcada em sua natureza biológica, e as desigualdades entre homens e mulheres seriam percebidas como resultado dessas diferenças e classificações (“feminino” x “masculino”).

É preciso destacar que nem toda diferença promove desigualdade e nem atos violentos. A diferença será a causa da desigualdade quando ela for utilizada para inferiorizar determinados grupos. Nesse sentido, idade, sexualidade, raça, cor, etnia, nacionalidade, são diferenças que podem transformar-se em desigualdades a depender das relações de poder presentes em uma determinada cultura.

No Brasil as mulheres têm direito à educação e a ocuparem diversos cargos e inclusive cargos que antes eram predominantemente masculinos (engenharia civil, presidência da república, informática...). Mas a desigualdade de gênero se materializa na “guerra” onde, por exemplo, o assédio sexual ou moral se converte em uma verdadeira arma do homem contra a mulher.

No Brasil a igualdade entre homens e mulheres está longe de ser alcançada. De acordo com o Censo Escolar de 2005 as mulheres têm mais anos de estudos, são as que mais concluem a educação básica regular e cursos superiores, mas não tem salários iguais as dos homens, e a desigualdade é ainda maior quando se trata de mulheres negras (PISCITELLI, 2009).

Ao analisar as horas de trabalho percebe-se que as mulheres trabalham mais do que os homens, isso porque, as mulheres que trabalham fora de casa, continuam a trabalhar em suas residências, realizando tarefas domésticas e nos casos de divisão destas tarefas, ela sempre é dividida na maioria dos casos com outra mulher (mãe, filha ou secretária do lar). (PISCITELLI, 2009).

Assim podemos observar que as mulheres têm mais anos de estudos do que os homens possuem mais horas de trabalho, porém são as que mais recebem menores salários e isso ocorre até

nos cargos de mesma categoria e hierarquia, e também são as que mais estão sujeitas e sofrem violência (PISCITELLI, 2009).

Uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo no ano de 2001, mostra que das mulheres entrevistadas, 43% já sofreram algum tipo de violência (verbal, física, mental...) cometida por um homem, 11% revelaram que foram espancadas por seus parceiros, ex-parceiros entre outros. A conclusão desta pesquisa foi de que uma mulher é espancada no Brasil a cada 15 segundos (PISCITELLI, 2009).

Stoller (1976) em um dos seus estudos afirma que esses conjuntos de possibilidades que temos em nossa sociedade existem devido a “identidade de gênero”, uma identidade que se faz presente na cultura de diferentes pessoas assim como em seus hábitos e a constante reprodução no passar das gerações e por fim esta baseada também nos aprendizados adquiridos, os quais não tem nada a ver com os genitais que pertencem a nossa natureza humana. Este é um dos motivos que demonstra ser preciso separar a natureza biológica da cultura, pois o que caracteriza e define todas essas diferenças de gênero esta na cultura (apud PISCITELLI, 2009).

Então podemos compreender que o termo gênero cunhado pelas teóricas feministas está ligado a questões sociais e a uma luta em combate a desigualdade de gênero, desigualdade a qual por séculos tem prejudicado o desenvolvimento e a liberdade das mulheres nos espaços públicos e privados, a igualdade de gênero proporcionará melhorias para as mulheres assim como para toda a sociedade.

É necessário termos um conhecimento da história da mulher na humanidade para podermos entender os dias atuais, assim é necessário também ter conhecimento de como a figura masculina aparece na história para compreendermos o porquê do machismo/sexismo afetar o desenvolvimento das mulheres nas produções de conhecimento científico.

De acordo com Danièle Kergoat e Helena Hirata um dos termos mais utilizados para descrever as diferenças dos papéis atribuídos para homens e mulheres no mercado de trabalho é a: divisão sexual do trabalho. Esse termo não só faz uma análise do trabalho formal como também do trabalho doméstico (KERGOAT e HIRATA, 2007).

É possível verificar, por intermédio da divisão sexual do trabalho, como as identidades de gênero são importantes para compreender os lugares ocupados por homens e mulheres no mercado de trabalho. Há igualdade ou não no âmbito profissional e doméstico e permite-se discutir propostas para combater a desigualdade? Outro elemento incluído na análise é o das atividades domésticas como trabalho, adicionadas ao trabalho profissional, o que ainda não era considerado. Por fim, discute-se o acúmulo de desigualdades existentes no sistema do mercado de trabalho, em específico, as desigualdades de gênero.

Dessa forma, notou-se o quanto que o trabalho exercido por mulheres era invisível aos olhos da sociedade e que nem todos os trabalhos que elas faziam eram valorizados e pagos, além de não haver reconhecimento por parte das pessoas por nenhum tipo de trabalho realizado pelas mulheres.

Pensar no trabalho doméstico fez com que fossem revistas as categorias e definições da divisão sexual do trabalho, tanto na história do passado quanto no presente e também as relações sociais levando em consideração que ao homem é atribuída a característica de um ser produtivo e a mulher como reprodutiva. E dessa forma justifica-se comumente que o homem tem um valor maior na distribuição dos papéis sociais do que as mulheres.

Outro aspecto observado é a precarização e a exploração nos trabalhos realizados por mulheres, evidenciadas na forte migração das mulheres dos países Sul para os países localizados no Norte com a expectativa de encontrarem trabalho. Com isso surgiram algumas novas configurações do trabalho e uma delas é a divisão do trabalho entre mulheres, em que as mulheres do norte passaram a delegar as atividades domésticas às mulheres do sul, com a finalidade de conciliar a vida familiar com a vida profissional (KERGOAT e HIRATA, 2007).

Após está breve análise do avanço para as mulheres, relacionado ao direito de trabalhar e as atividades domésticas passarem a serem consideradas como trabalho além das novas configurações do trabalho, torna-se importante analisar a presença das mulheres em esferas de poder. Thayane Lino e Cláudia Mayorga (2016) trazem uma discussão que busca refletir a ciência enquanto campo de poder no qual há uma invisibilidade das mulheres dentro da ciência moderna. Além disso, as autoras fizeram uma investigação para melhor compreender como se dá a invisibilidade das mulheres na área científica, o lugar que elas ocupam neste campo, o lugar que foi dado a mulher na história da ciência, a sua exclusão em organizações políticas, as lutas por reconhecimento e os impactos que a participação das mulheres no campo científico podem causar na luta por igualdade de gênero e para a melhoria e a evolução da sociedade.

Dizer que a ciência é um campo masculino não é uma verdade, pois as mulheres sempre estiveram na ciência e contribuíram para o conhecimento científico, porém os homens que sempre foram os protagonistas não reconhecendo a participação das mulheres, no entanto é uma área que sempre teve uma baixa participação feminina.

Por anos no mundo todo as mulheres eram educadas para exercerem o papel da maternidade, depois que elas passaram a ter direito a educação básica e com o tempo conquistaram a posição de serem auxiliares nas produções de conhecimento científico. E diante da era da profissionalização nem todas as mulheres tinham os mesmos direitos, ou seja, as mulheres que eram subalternas não tinham os mesmo direitos e privilégios que as mulheres que pertenciam à elite. Somente a partir do século XIX que as mulheres conquistaram o direito de terem educação de nível superior, atuarem no

campo científico e ocuparem profissões masculinizadas. Mas isso não significa que houve um grande número de mulheres a ocuparem estes espaços, e a maioria ainda se ocupavam com atividades domésticas.

O novo desafio das mulheres na ciência passa a ser a permanência delas no meio científico e os métodos que tiveram que adotar como forma de resistência perante o discurso de que elas não poderiam avançar no espaço científico por não terem capacidades e habilidades iguais as dos homens, pois “por natureza” elas são mais frágeis e não conseguiriam desenvolver um raciocínio lógico e matemático da mesma maneira que os homens. Assim, a sua ciência não teria a mesma qualidade e não se atribui o mesmo valor e importância que é dada à ciência produzida por homens.

Thayane Lino e Cláudia Mayorga (2016) também argumentam a respeito dos homens que, naquele período anterior ao século XIX, defendiam com mais rigor que os espaços públicos e políticos deveriam continuar a pertencer aos homens e às mulheres caberiam os espaços privados e pessoais, para que não colocasse a constituição da família em risco, além do mais as mulheres também deveriam ser inferiores aos homens em nome da “família”. Outro argumento então empregado é que essas coisas deveriam ser assim porque as mulheres eram dotadas de beleza enquanto os homens eram dotados de inteligência. Discursos, construídos culturalmente, reproduzidos e que orientam a constituição da desigualdade no campo científico e também tecnológico.

A partir do final do século XX começa a ocorrer um aumento de mulheres tanto em cursos de nível superior quanto nas pesquisas científicas, sendo elas pesquisadoras, porém, seus educadores são homens, a maioria dos docentes nas universidades são homens, as mulheres estão em maior quantidade na educação primária, básica.

Nas universidades as discentes e docentes estão em grande quantidade nos cursos das ciências humanas e sociais; nas ciências exatas há uma baixa participação de mulheres devido aos estereótipos que marcam atividades relacionadas ao campo científico de tecnológico como masculinas. Lino e Mayorga (2016) destacam também que, diferentemente dos homens, as mulheres enfrentam muitas barreiras para conseguirem ocupar cargos de chefia e lugares de hierarquia superior dentro das instituições, os cargos de poder continuam sendo um lugar ocupado pelo sexo masculino e para as mulheres ocuparem elas tem que passar por todo um processo para mostrar que são tão capazes quanto aos homens de darem excelentes resultados.

É possível que um dos fatores que explicam a ausência de algumas mulheres e a baixa representatividade feminina nas universidades, na pesquisa e em cargos de chefia esteja relacionado diretamente à separação do que é público e privado, como já mencionado atrás, os desafios para as mulheres são diferentes aos dos homens, as atividades domésticas e os cuidados dos filhos, por

exemplo, não divididos com o sexo masculino. Logo, muitas mulheres têm que escolher entre ter uma carreira ou família, o mesmo não acontece com os homens.

A área da Tecnologia de Informação ainda é muito nova no Brasil comparada a outros setores, como Medicina e Arquitetura. O setor de TI contribuiu para a ampliação no mercado de trabalho a partir de novas áreas de atuação e profissão, além de estar em constante crescimento desde ano de 2007, há uma procura maior pelas pessoas em se profissionalizarem nesta área assim como também o crescimento econômico referente ao faturamento tem se expandindo.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Marcel Maia (2016) para identificar os alunos concluintes nos cursos de computação, dados do Censo de Ensino Superior dos anos de 2000 a 2013, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira do Ministério da Educação mostram que a quantidade de mulheres que concluem os cursos de computação é pequena: somente 17% conseguiram concluir, enquanto há um aumento de 98% por parte dos homens. Isso ocorre devido as barreiras existentes tanto dentro das faculdades quanto na sua atuação dentro do mercado de trabalho que ainda é marcado por fortes desigualdades e o não reconhecimento de que a área de TI também é composta por mulheres as quais são tão especializadas e capazes quanto aos homens para exercerem o papel de TI. Também há uma desvalorização e não reconhecimento por parte dos próprios colegas de trabalho de maneira a limitar o campo de atuação da mulher e dificultar a sua chegada em cargos de chefia. (MAIA, 2016).

Os estudos e pesquisas apresentados aqui tratam de temáticas relacionadas às relações de gênero no campo do trabalho, da ciência e da tecnologia. O conceito de gênero torna-se importante para analisar as desigualdades no campo tecnológico e permite compreender de forma profunda as trajetórias de mulheres nessa área. Mais do que compreender as desigualdades, busca-se utilizar o referencial teórico para compreender as trajetórias das mulheres no campo da TI que buscam romper com tais desigualdades.

Nos últimos anos intensificaram-se as discussões sobre a desigualdade de gênero e a luta feminista em prol da igualdade entre os sexos tanto nos espaço públicos quanto nos privados. Uma das conquistas obtidas foi a cota para mulheres no Legislativo através da aprovação da PEC 98/2015 pelo Senado Federal, como forma de aumentar a participação das mulheres neste campo que também é majoritariamente masculino que é o campo da política.

Cada coletivo formado por mulheres em combate a desigualdade é formado por características peculiares. Pensar nas trajetórias dessas mulheres que criaram o coletivo como meio de resistência é perceber que a luta por igualdade de gênero está presente em quase todos os lugares,

e que há uma vontade grande pelas mulheres em aumentar a representatividade feminina nos mais variados campos de atuação e espaços sociais.

Estar ou não em um curso de exatas nem sempre é uma questão de escolha; existe um processo de influência social inconsciente sobre as decisões tomadas pelos indivíduos ao escolherem seus cursos em que vigora uma orientação sexuada. Há também ausência de incentivo às meninas desde a infância, para seguirem tais áreas e não outras.

Um dos meios de contribuição a esses comportamentos ditos “femininos” são os estudos e pesquisas para compreender como essas mulheres se organizam e depois de muitas lutas conseguem finalmente o direito a voz e a ocuparem espaços que antes eram de exclusividade masculina. Mostra-se, assim, que essa invisibilidade dada às mulheres, justificada na sua natureza humana, é apenas uma maneira encontrada pelos homens e pela religião para manterem as mulheres fora de determinados campos sociais, científicos e conseqüentemente do mercado de trabalho.

Para poder formular políticas públicas de incentivo à participação das mulheres na área da tecnologia, assim como para ajudá-las a resistir às dificuldades encontradas em suas trajetórias com o objetivo de motivá-las a construir carreiras é preciso primeiro realizar estudos para que possamos identificar onde estão os problemas para depois apontarmos possíveis soluções.

2.1. PROJETO ADAs – MULHERES NA LUTA

O projeto surgiu no Instituto de Informática da Universidade Federal de Goiás (INF/UFG) em 2017 após a criação do programa ComputAÇÃO HUMANA que tem como objetivo melhorar a qualidade de vida do corpo docente, discente alunos da pós -graduação e o corpo técnico do INF/UFG trabalhando os três principais eixos da saúde: eixo físico, eixo mental e eixo social. O ComputAÇÃO HUMANA foi criado para humanizar o Instituto de Informática para valorizar todos que fazem parte do INF e continuar sendo referência de Ensino, Pesquisa e Extensão na área de Computação do Estado de Goiás. O Projeto ADAs faz parte do eixo social. A principal luta do projeto é a divisão sexual do trabalho e promover ações que contribuam com fim do discurso de que a área de computação é exclusivamente para homens.

O projeto foi idealizado pelas docentes Diane Castonguay, Elisângela Dias, Luciana Berretta, Lucília Ribeiro, Taciana Kudo e por Raimunda Delfino, técnica em assuntos educacionais, e articula uma parceria com o Programa Meninas Digitais da Sociedade Brasileira de Computação (SBC).

A escolha do nome ‘ADAs’ para o projeto se deu em homenagem a querida Ada Lovelace, que criou o primeiro algoritmo a ser processado por uma máquina para calcular funções matemáticas no ano de 1842 a 1843, Ada Lovelace é considerada a primeira programadora da história.

CAPÍTULO 3

TRAJETÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES MEMBROS DO PROJETO ADAS

Utilizo aqui um modelo de pesquisa que é a qualitativa por se tratar de tentar compreender as relações sociais presentes dentro das esferas da vida que se configura uma diversidade cultural estabelecida na sociedade moderna. Segundo Flick (2009) as mudanças sociais têm acontecido em prazos menores, assim como o surgimento de novas situações as quais auxiliaram no desenvolvimento de novos métodos de pesquisa.

A abordagem qualitativa também possui várias técnicas diferentes que podem ser adotadas no decorrer da pesquisa e se tornam relevantes, como as observações (sentimentos, impressões, atitudes observadas e etc.) feitas pelo/a pesquisador/a enquanto estava em campo, registradas em seu caderno de campo, o grupo focal, as entrevistas, dentre outras.

Uma das técnicas utilizadas para a construção de dados, nessa pesquisa, será a entrevista semiestruturada, por facilitar que o entrevistado fique à vontade para falar abertamente e fazer suas manifestações através das suas expressões sobre aquilo que lhe foi questionado durante a entrevista. Assim obtêm-se uma quantidade expressiva de comentários para compreender o ponto de vista do entrevistado. A abordagem qualitativa é importante para fazer esta análise das trajetórias ocupacionais e de vida das mulheres na tecnologia através de entrevistas semiestruturadas.

Em uma conversa aberta com a professora Diane Castonguay, atual coordenadora do projeto ADAs, falamos um pouco sobre o projeto ADAS e um pouco sobre a sua trajetória de vida. Professora Diane veio do Canadá, nasceu e cresceu lá, fez faculdade, mestrado e doutorado em matemática no Canadá, conheceu seu esposo no México durante uma de suas pesquisas. Ele é do Chile e veio pro Brasil pra trabalhar e com isso ela também veio, ficou um tempo na USP, prestou concurso no INF-UFG, passou e veio pra Goiânia; seu marido já estava aqui na UFG. Explicando como se iniciou na formação, Diane declara que decidiu fazer faculdade de matemática depois de conversar com um "mentor vocacional", como recorda em sua fala: “Eu não gostava de nenhuma disciplina e a que eu gostava um pouco era a disciplina de matemática, então ele me incentivou a fazer o curso de matemática e a ser professora”. Decidida, fez o vestibular e passou, ao cursar matemática ela viu que realmente gostava e quando ela fez matemática pura descobriu que amava a matemática e que não queria dar aula pra adolescentes, por eles serem “difíceis de lidar”. Sobre sua família, o pai dela jamais sugeriu ou impôs algo, já sua mãe sempre foi de mente aberta e muito moderna no sentido de empoderamento feminino: sempre quis que ela fizesse faculdade mas não

sugeria nenhum curso, o que a mãe queria é que se graduasse no ensino superior, não importava em qual área.

Durante a entrevista Diane comenta como o projeto Computação Humana tem sido importante pro INF – UFG e que o seu impacto tem sido maior do que se esperava, pois as alunas que tem mais dificuldades de dialogar com os docentes homens utilizam o programa como meio de comunicação. Com a criação do projeto muitas meninas passaram a buscar ajuda on-line e, assim, as coordenadoras verificaram o quanto se fez necessário a criação do projeto, cujo desenvolvimento também aproximou mais as discentes do corpo docente e fez com elas se unissem, além de se fortalecerem para combaterem o assédio moral que enfrentam em sala de aula e nos corredores da faculdade.

O projeto ajudou também os docentes a perceberem que determinadas atitudes e discursos em sala de aula estavam afetando as alunas e que as “piadas” e “brincadeiras” não são piadas e brincadeiras, constituem um tipo de assédio moral em direção a elas. Sendo assim o projeto ADAs tem contribuído para que os docentes aos poucos mudem o comportamento e olhem para si mesmos. Ela relata que os docentes mais novos são um pouco mais abertos, menos conservadores e mais fáceis para compreender que o assédio é errado. Diane conta que com os docentes mais antigos tem sido mais difícil dialogar sobre isso, pois parecem extremamente conservadores e continuam a assediar as alunas com frases como “lugar de mulher é em casa”, “aqui não é lugar de menina”, “sua roupa não é adequada para o ambiente acadêmico”, “vocês não são capazes de aprender bem a disciplina” e etc. Este tipos de assédio também são realizados pelos alunos em relação a suas colegas.

Desse modo o projeto Adas tem agregado uma importância enorme para as alunas e o projeto Computação Humana, como um todo, tem proporcionado resultados positivos para o corpo discente. A interlocutora destacou que os alunos que são mais tímidos também sofrem assédio moral e a maioria deles, com o tempo, entra em depressão. Com o projeto em desenvolvimento os alunos têm se sentido melhor e mais acolhidos pelo curso, por terem um canal de comunicação e saberem que na prática o projeto tem cumprindo com a sua proposta, que é tornar o INF um ambiente acolhedor e humano.

A segunda pessoa associada ao projeto ADAs que entrevistei foi a professora Elisângela Silva Dias, atual coordenadora do projeto Computação Humana e coordenadora do curso de Ciências da Computação. Nasceu na cidade de Correntina – Bahia, primogênita em família com mais dois irmãos. Sua mãe é diarista e seu pai pedreiro, viveram e trabalharam na zona rural até Elisângela completar 5 anos de idade. Seu pai, nessa época, tinha concluído a 8ª série do ensino

médio, gostava muito de matemática. Sua mãe, até então, não tinha escolaridade nenhuma, com carinho ela lembra que seu pai ensinava outras pessoas na roça a ler e escrever.

Em 1987 seus pais mudaram-se pra Goiânia para que Elisângela pudesse estudar. Em setembro de 1987 a filha entrou na escola municipal, fez o ensino médio na Escola Técnica e durante o seu segundo grau teve que escolher um curso técnico para fazer, por escolha própria escolheu fazer Técnico Eletrônico, área que tinha mais afinidade na época era a matemática. Então sua rotina mudou; pela manhã ela fazia o ensino médio e à tarde fazia o curso técnico. À noite trabalhava no programa social Pró-Cerrado, devido à necessidade de pagar o transporte público para ir pra escola e voltar, assim como pagar os seus materiais de estudo, pois ela havia perdido o pai e a renda de sua mãe não era suficiente para pagar os gastos escolares dos três filhos.

Quando concluiu os estudos Elisângela queria ter prestado vestibular para fazer faculdade em Goiânia, mas como na época não tinha Engenharia Eletrônica, o curso que queria, ela teve que prestar vestibular pra Sistema de Informação na UEG de Anápolis, em que foi aprovada.

Passou a trabalhar durante o dia em Goiânia e à noite fazia faculdade em Anápolis e voltava tarde da noite pra Goiânia, pegava o último ônibus no terminal pra ir pra casa. Ela fez estágio na sua área de estudo. Fez mestrado na UFG, descobriu o programa de pós-graduação stricto sensu em uma palestra de um docente da UFG na UEG, seu mestrado foi na área da computação. Teve que deixar o estágio pra se dedicar ao mestrado devido ao tempo de dedicação que a pós-graduação exigia, mas não deixou de trabalhar. Enquanto não podia estagiar vendia bombons na UFG pra ter uma renda pra pagar seus materiais etc.

Nesse período a professora Diane passa a fazer parte da trajetória de vida da professora Elisângela. Diane foi sua docente no mestrado, Elisângela conta o quanto foi difícil o início do mestrado, pois reprovou na disciplina da Diane e teve que fazer novamente todo o processo seletivo pra voltar pro mestrado e conseguiu entrar de novo e novamente foi reprovada na disciplina da Diane; ao total foram três reprovações com a Diane até ela conseguir ser aprovada.

Perguntei pra ela como ela se sentiu diante dessas três reprovações, se ela não sentiu uma certa “marcação”. Ela sorriu, disse que no começo sim, como a maioria dos alunos diria, mas depois percebeu que na verdade ela precisava estudar mais matemática, porque o conhecimento que ela tinha adquirido na UEG não era suficiente pro mestrado; por isso Diane a havia reprovado tantas vezes. Elisângela foi docente substituta na UFG em 2009 a 2010 e é docente efetiva desde 2011.

Seu irmão do meio formou-se em Sistema de Informação na UFG e o mais novo fez Administração na Estácio de Sá através do programa de financiamento FIES. Os pais vieram pra Goiânia pra que ela pudesse estudar (desejo em especial de seu falecido pai); neste percurso o pai estudou até a 7ª série e a mãe que não tinha escolaridade nenhuma, concluiu o segundo grau por

meio do incentivo do pai. O sonho do pai se concretizou e não só a Elisângela estudou como também se formou e assim também seus irmãos.

Elisângela lembrou com carinho algumas outras conquistas, como por exemplo o intercâmbio que fez por um mês na Argentina durante o doutorado em 2011, num projeto com parceria da UFG. Participou também em outro projeto na UFRJ também em parceria com a UFG, ficou um mês trabalhando no projeto na UFRJ, entre 2012 e 2013. E depois ficou 20 dias no Canadá participando de um congresso na área de álgebra em 2014. Lá teve a oportunidade de conhecer pessoalmente o orientador da professora Diane. Com alegria e satisfação Elisângela cita que hoje sua afilhada faz informática na UFG e a Elisângela foi quem a incentivou.

Quando perguntei sobre o ingresso dos alunos no INF, se ela sabia um pouco sobre eles em especial se ela sabia o que os motivaram a entrar na área da computação, ela me conta que os alunos entram lá sem saber muito sobre o que irão de fato estudar, entram de paraquedas, alguns chegam com a expectativa de que irão desenvolver aplicativos ou jogos (game) mas não é bem assim, vão aprender a fazer muitas coisas sim inclusive essas que a maioria tanto deseja, mas primeiro tem que estudar muita matemática, álgebra, matemática pura e durante muito tempo, então eles entram sem saber disso.

Com o tempo Elisângela e a professora Taciana, começaram a perceber que precisavam fazer algo pelos alunos pra ajudá-los, já que eles estavam se tornando depressivos e até um caso de suicídio foi registrado. Então foi aí que surgiu o projeto Computação Humana, uma demanda dos alunos para a Coordenação. Foi criado um canal de comunicação online com todos os alunos em prol de ouvi-los e ajudá-los. Taciana foi a coordenadora do projeto ADAS (surgiu em 2017), o projeto 'Fala aí' é coordenado pela Luciana e a Elisângela sempre foi a coordenadora do projeto Computação Humana. De todos os projetos, os projetos Adas e Fale aí são os únicos que até a presente data nunca pararam de funcionar, e os alunos fazem uso constante deles. O projeto ADAS é um movimento social em prol de diminuir o assédio moral que as discentes enfrentam e nele elas se sentem representadas e sabem que tem um espaço acolhedor pra elas e para ouvi-las prontamente, ambos os projetos causaram impactos positivos no INF e aos poucos têm sido aperfeiçoado para melhor atender os alunos.

Elisângela atualmente é docente, coordenadora do curso Ciência da Computação e do projeto Computação Humana no INF – UFG. Elisângela foi orientadora da Talita Atahalpa Rodrigues Ferreira durante o seu curso de graduação na ciência da computação e se uniram para tornar real o projeto ADAs. A trajetória de vida de Talita é similar à de Elisângela, ambas enfrentaram desafios para permanecerem estudando e concluir sua graduação, Talita nasceu em Goiânia, aos três anos de idade se mudou com a mãe para Senador Canedo, município da região

metropolitana de Goiânia, em busca da casa própria nos anos 1990. Talita relata que sempre foi muito quieta, calada, tímida e sofria bullying por razões diferentes. Ela sempre foi muito estudiosa desde os primeiros anos de escolaridade, conforme foi crescendo foi assumindo as tarefas domésticas pra ajudar sua mãe que trabalhava fora e não tinha condições de pagar babá ou empregada doméstica. Sua mãe trabalhou como secretária (telefonista) na prefeitura de Goiânia, não era concursada. Na 6ª série do ensino fundamental mudaram-se pra Goiânia e Talita mudou de escola e veio estudar no Instituto de Educação de Goiás – IEG,

No IEG Talita se tornou monitoria de informática pra digitalizar algumas coisas do grêmio estudantil. Na 8º série ela participou de um processo seletivo pra ser aluna monitora e passou. Ela sempre teve contato com computador, pois ia para o local de trabalho com a mãe e com ela teve iniciação no uso de dispositivos computacionais. No ensino médio veio uma proposta de um novo projeto também como monitora, porém da Microsoft Educação e ela também participou, dando continuidade em seus aprendizados em computação e contato com a internet. Nessa época, aos 15 anos, voltando a morar em Senador Canedo, nela fazia o curso como monitora da Microsoft no qual aprendia programação, montar e desmontar computadores de mesa, dentre outros serviços. Talita foi a única aluna a concluir o curso naquela época.

Quando concluiu o ensino médio e chegou a hora de decidir sobre sua educação de nível superior, Talita fez o vestibular pra faculdade de educação física na Universidade Estadual de Goiás, embora desejasse fazer o curso universitário de dança, que não existia em Goiânia. Talita acabou passando no vestibular na PUC de Goiânia pro curso de computação, ganhou bolsa e começou a estudar lá. Enfrentou algumas barreiras e dificuldades no ambiente acadêmico, sofrendo preconceito por ter estudado em escola pública, uma perseguição da parte dos docentes e colegas de faculdades. Uma perseguição que acabou fazendo com ela perdesse a bolsa em 2016, então ela começou a trabalhar pra pagar a mensalidade da faculdade de ciência da computação na PUC.

Diante das limitações financeiras Talita teve que sair da PUC e tentar estudar em outra faculdade, por fim, veio cursar ciência da computação na UFG e conseguiu concluir depois de muitos desafios enfrentados. Ela também relewa que sofreu assédio moral e situações de machismo durante os seus estudos em todas as faculdades em que passou. Talita gosta de ensinar e gosta de trabalhar com programação. Concluiu a faculdade em 2018 e já foi apresentar seu projeto no Panamá. Ela também frequentou a State University of New York em New Paltz, lá ela foi assistente de pesquisa na Suny New Paltz, pesquisando sobre a Nova classe C Brasileira para o departamento de antropologia e fez estágio em desenvolvimento de software WEB para a Docunexus.inc na cidade de New York. Trabalhava em uma pesquisa e desenvolvimento de software voltado à Biotecnologia na Embrapa Arroz e Feijão.

Talita atualmente continua integrante do projeto ADAs e também colaborou para a criação e o desenvolvimento do projeto, destacando sua relevância na faculdade e os impactos positivos que ele tem alcançado pras todas as discentes e futuras alunas do curso de ciência da computação.

3.1. DADOS SOBRE GÊNERO EM MATRÍCULAS NO CURSO DE COMPUTAÇÃO/INFORMÁTICA INF – UFG/2018

A pesquisa (monografia) realizada por Talita Atahalpa Rodrigues Ferreira, orientada pela professora Elisângela, traz dados relevantes sobre a participação das alunas no curso de computação:

Foram 66 participantes provenientes da UFG e 17 externos a esta: 27 eram do sexo feminino, sendo 18 da UFG e 9 externas, 54 do sexo masculino, sendo 47 da UFG e 7 externos, e 2 informaram ser não binários, sendo 1 da UFG e outro externo. (FERREIRA, 2018).

Segundo o relatório divulgado pela UNESCO, em 2018 [10], apenas 35% das mulheres estavam matriculadas em universidades em cursos de ciência, tecnologia e Computação em todo o mundo. A NCWIT (National Center for Women and Technology - Centro Nacional para Mulheres e Tecnologia) divulgou em janeiro de 2019 um Scorecard mostrando que a proporção de mulheres na Computação nos Estados Unidos tem seguido o decréscimo apresentado por Hayes [8], saindo de 37% em 1984 e caindo para 19% em 2017 [11]. Apesar de 57% dos matriculados em cursos de ensino superior no Brasil serem do sexo feminino, apenas 13,6% das mulheres estão em cursos de ciências, matemática e Computação, como aponta o relatório divulgado pelo INEP no Censo Nacional da Educação Superior de 2017 [12]. Da lista que classifica os 20 cursos com o maior número de matrículas no Brasil entre os homens, os cursos de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Ciência da Computação e Sistemas da Informação entraram na lista nas 10^a, 13^a e 15^a posição, respectivamente, não obstante nenhum curso de Computação foi mencionado na lista das mulheres [12]. Os dados estatísticos da Computação no Brasil publicados pela SBC, em 2018, mostram que de todos os alunos matriculados em 2017 apenas 14% eram do sexo feminino [13]. (FERREIRA, 2018, p.4).

Na UFG, o número de mulheres que ingressam nos cursos de Computação ainda é pequeno comparado ao de homens e também vem decrescendo em número de ingressantes nos últimos 4 anos. O percentual de ingressantes do sexo feminino na Computação foi de 14,5% em 2015, caindo para 12,7% em 2016, manteve-se próximo dos 12% em 2017 e em 2018 atingiu 8,1%, sendo a menor taxa de ingressantes do sexo feminino [14]. Neste mesmo período, a proporção de ingressantes do sexo feminino na Computação no Brasil foi, respectivamente, 13% em 2015, 13,7% em 2016 e de 13,8% em 2017 [13]. Observamos que enquanto a proporção nacional tem crescido, a da UFG tem decrescido, o que demonstra que o interesse de meninas e mulheres em ingressar em cursos de Computação na UFG tem diminuído com o passar dos anos, seguindo a tendência mundial. O Instituto de Informática da UFG, em 2018, era composto por 79 docentes, dos quais 18 eram mulheres [15]. A presença de docentes em uma área onde as mulheres são sub representadas é de suma importância, pois professoras são modelos para alunas, que passam a ter em quem se inspirar na área da Computação [8]. (FERREIRA, 2018, p. 5)

3.2 VIVÊNCIA DE SITUAÇÕES DISCRIMINATÓRIA NO AMBIENTE ACADÊMICO INF – UFG/2018 – TALITA RODRIGUES – 2018

No Quadro 1 reproduzimos a vivência de situações discriminatórias no ambiente acadêmico, com base na monografia de Talita Rodrigue:

Quadro 1. Vivência de situações discriminatórias no ambiente acadêmico por mulheres. INF – UFG. 2018

| UFG | EXTERNO | MOTIVAÇÃO |
|-----|---------|---------------------------|
| 72% | 66% | GÊNERO |
| 33% | 33% | ORIENTAÇÃO SEXUAL |
| 28% | 22% | PESO OU COMPLEIÇÃO FÍSICA |
| 11% | 22% | CONDIÇÃO SOCIAL |
| 16% | 11% | RAÇA, COR ETNIA |
| 5% | 22% | PESSOA COM DEFICIÊNCIA |

Fonte: FERREIRA, 2018, p.59.

Quadro 2. Vivência de situações discriminatórias no ambiente acadêmico por homens e não binários. INF – UFG. 2018

| UFG | EXTERNO | MOTIVAÇÃO |
|-----|---------|---------------------------|
| 16% | 0% | GÊNERO |
| 25% | 25% | ORIENTAÇÃO SEXUAL |
| 15% | 38% | PESO OU COMPLEIÇÃO FÍSICA |
| 15% | 13% | CONDIÇÃO SOCIAL |
| 6% | 0% | RAÇA, COR ETNIA |
| 6% | 25% | PESSOA COM DEFICIÊNCIA |

Fonte: FERREIRA, 2018, p. 59.

Aqui percebemos que 72% das alunas da UFG que participaram da pesquisa sofrem discriminação por causa do seu gênero e 66% das alunas externas da UFG. Por outro lado o sexo masculino sofre discriminação em relação a orientação sexual sendo 25% dos alunos da UFG que participaram da pesquisa e 25% alunos externos. Discriminação por causa de gênero a porcentagem dos meninos é de 16% sendo alunos da UFG e 0% alunos externos. 33% do sexo feminino tanto da UFG quanto externo declaram sofrer discriminação no ambiente acadêmico por causa da sua orientação sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres continuam a enfrentar grandes barreiras pra conseguirem concluir o curso de computação. A discriminação de gênero e o assédio moral permanece na realidade contemporânea. A presença feminina na área da computação parece incomodar o sexo masculino de tal modo que os homens assediam as meninas sem nenhum medo ou restrição.

Os percursos de vida da Elisângela, Diane e da Talita possuem alguns aspectos em comum, como por exemplo: o gosto pela matemática desde o ensino fundamental, o apoio familiar ao escolherem estudar computação/matemática. Elisângela e Diane gostam da carreira de docente e Talita gosta de ensinar, é bem provável que daqui alguns anos venha a se tornar docente, ambas tem lutado em prol da inclusão feminina no curso de computação e trabalham juntas para que as discentes possam conseguir concluir o curso e buscam todos os dias eliminar os assédios morais que ainda existem. Com o objetivo de tornar o ambiente acadêmico mais humano, justo e igualitário, proporcionando as meninas um espaço de acolhimento, dialogo e resolução de conflitos e discriminação.

Precisamos discutir e realizar mais pesquisas sobre isso, é preciso falar mais sobre as dificuldades que as meninas passam pra conseguirem fazer o curso de computação. Temos necessidade de criar políticas públicas de inclusão das meninas no mercado de T.I e políticas públicas pra combater a discriminação que elas sofrem, fortalecer os projetos que hoje temos como ferramentas de resistência e desenvolver leis rigorosas pra eliminar as discriminações. As políticas públicas de promoção da equidade no ingresso de mulheres no mercado de TI tem sido ineficazes, diante da força do discusso conservador de subalternidade da mulher. A hipótese é que os coletivos e iniciativas associativistas de mulheres podem diminuir essa desigualdade.

As pessoas de sexo feminino na área da computação sempre tiveram que provar que são capazes de estudar matemática, informática, computação etc. e também sempre tiveram que provar

que são boas o suficiente para atuarem na área. Enquanto mais da maioria do sexo masculino não passaram/passam por essas situações e não enfrentaram/enfrentam essas barreiras impostas pela sociedade além da insistência de querer impor onde é o lugar da mulher na sociedade e no mundo sendo que o nosso lugar é onde queremos estar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALTAR, Paulo; LEONE, Eugenia Troncoso. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro. **Revista brasileira de Estudos Populacionais**, São Paulo, v. 25, n. 2, p.233-249, jul/dez. 2008.

_____; _____. Diferenças de rendimento do trabalho de homens e mulheres com educação superior nas metrópoles. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 355-367, jul./dez. 2006.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. In: COSTA, Abertina de Oliveira; SORJ Bila; BRUSCHINI Cristina; HIRATA, Helena (Orgs). **Mercadode Trabalho e Gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

CLEI 2019: <http://clei2019.utp.ac.pa/storage/app/uploads/public/5d8/cdc/3a8/5d8cdc3a85b28312382275.pdf>
Acesso em 12 de dezembro de 2019 15h.

FERREIRA, Talita Atahalpa Rodrigues. **Percepção da Participação da Feminina nos Cursos de Computação da Universidade Federal de Goiás**. 2018. Monografia (Ciência da Computação) – INF-UFG, Goiânia.

FERRAND, Michèle. A exclusão das mulheres da prática das ciências: uma manifestação sutil da dominação masculina. **Revista Estudos Feministas**, número especial França, Brasil, Québec, p. 358-367, 1994.

KERGOAT, Danièle, HIRATA, Helena. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

LINO, Tayane Rogeria; MAYORGA, Cláudia. As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, Florianópolis, v.7, n.3, p. 96-107, 2016.

MAIA, Marcel Maggion. Limites de gênero e presença feminina nos cursos superiores brasileiros do campo da computação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 46, p. 223 – 244., 2016.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa; SZWAKO, José (Orgs.). **Diferenças, Igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p.116-148.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Campinas, v.11, n.2, p.263-274, jul/dez. 2008.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a categoria mulher?. In: Algranti, Leila Mezan. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos. N. 48 Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002, p. 7-42

SCHWARTZ, Juliana; CASAGRANDE, Lindamir Salete; LESZCZYNSKI, Sonia Ana Charchut e CARVALHO, Marília Gomes de. Mulheres na informática: quais foram as pioneiras?. **Caderno Pagu**, Campinas. n.27, p.255-278, 2006.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v.16, n 2, p.1-35 Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SOUZA, Tatiele Pereira de. 2016. **Trabalho, profissionalização, identidade e relações de gênero no campo da tecnologia da informação**. Tese (Doutorado em Sociologia) - PPGS, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

ENTREVISTAS

CASTONGUAY, Diane. {Entrevista cedida a] Iriane Ribeiro dos Santos, em 30/10/2019, 10h20 – 11:15min, Goiânia – Goiás.

DIAS, Elisângela Silva. {Entrevista cedida a] Iriane Ribeiro dos Santos, em 05/11/2019, 16h – 17h, Goiânia – Goiás.

FERREIRA, Talita Atahalpa Rodrigues. {Entrevista cedida a] Iriane Ribeiro dos Santos, em 13/11/2019, 20h51 – 22:24min, Goiânia – Goiás.